

A CÁRITAS

17 – Um Serviço de Proximidade

P. Boa noite. Temos connosco Elicídio Bilé, Presidente da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco que, com regularidade aqui está para nos falar de problemas e situações que, no dia a dia surgem na vida dos cidadãos e são objecto da atenção da Cáritas. Hoje, iremos abordar o tema da Caridade e do cuidado no atendimento e no acolhimento que a Cáritas faz a todos os que se dirigem a este serviço da Igreja.

Pergunto, ao Elicídio Bilé: - O que distingue a Cáritas de outros serviços prestados pelo Estado, por ONG's e por outras instituições particulares?

R. Boa noite. É sempre com muito prazer que aqui estou, em representação da Cáritas Diocesana, para falar com os nossos ouvintes respondendo às questões que o Francisco Salgado me vai colocando.

Quanto à questão que acaba de formular referirei que, a Cáritas e os grupos de acção social e caritativa, emanam da orientação pastoral produzida pelo Bispo Diocesano, actuam à luz do Evangelho, e são balizadas pela Doutrina Social da Igreja, tendo em conta as realidades temporais. Por isso, o que nos distingue é a forma de agir: procuramos servir a todos sem olhar para o bilhete de identidade, para a cor da pele ou para a ideologia de cada um. Agimos em função da razão, do conhecimento, mas com o coração e a vida. Abrimos portas, motivamos e damos esperança. O Amor é a marca que nos distingue.

P. *Por falar em Amor, todos estamos recordados da conversa que aqui tivemos sobre a 1.^a Encíclica de Bento XVI "DEUS CARITAS EST - DEUS É AMOR".*

Dizia-nos o Elicídio Bilé que a Caridade era mais do que mera filantropia.

Pergunto-lhe: - Quem trabalha na Cáritas e faz o acolhimento ao pobre, como pode demonstrar-lhe que existe Amor num mundo tão egoísta no qual a satisfação do prazer parece ser o único objectivo para viver?

R. Recordo-lhe o que dizia o arcebispo alemão D. Josef Cordes, presidente do Conselho Pontifício “Cor Unum”, que referi num dos últimos programas:

«Hoje, a palavra “amor” está tão gasta, tem sido objecto de tanto abuso, que quase existe o medo de deixá-la aflorar aos lábios. E, no entanto, é uma palavra primordial...»

Ora, isto é verdade, todos o sabemos, e é por isto que não podemos agir só por mera filantropia ou por solidariedade, mas por caridade, por amor.

Também esta palavra – Caridade – parece assustar muita gente como coisa do passado, ultrapassada e depreciativa. Muitos cristãos preferem alguns sucedâneos como os que referi: solidariedade, entre outros.

Mas a verdade é que o Cristão deve orientar a sua vida pelos ensinamentos da Igreja que, a propósito da caridade, refere no n.º 10 do prefácio do Catecismo Romano:

“ A finalidade da doutrina e do ensino deve fixar-se toda no amor, que não acaba. Podemos expor muito bem o que se deve crer, esperar ou fazer; mas, sobretudo, devemos pôr sempre em evidência o amor de nosso Senhor, de modo que cada um compreenda como qualquer acto de virtude, perfeitamente cristão, não tem outra origem nem outro fim senão o amor.”

Por tudo isto, o cristão não deve pôr em causa a unidade da Igreja. A unidade do Corpo Místico que produz e estimula a caridade entre os fiéis. S. Paulo afirma na Carta aos Coríntios que “a caridade é o vínculo da perfeição”.

Fiz todas estas referências para responder à sua pergunta.

Quem trabalha na Cáritas é testemunha deste amor e procura guiar-se pelo exemplo das primeiras comunidades cristãs que levaram aqueles que, no seu tempo, os observavam, a dizer: “*vede como eles se amam*”.

P. *Na passada semana, a Cáritas promoveu o «III Encontro Diocesano da Cáritas». Sabemos, pois foi amplamente noticiado, que o tema do Encontro se designou: «DEUS CARITAS EST - A Encíclica de Bento XVI no contexto da Igreja Diocesana».*

Pergunto-lhe: *-Qual a importância deste encontro para a Cáritas e para as paróquias?*

R. Em primeiro lugar, estes encontros diocesanos da Cáritas constituem um meio muito importante para gerar a comunhão, a partilha de problemas e a divulgação de boas práticas que vão ocorrendo em cada uma das paróquias, em termos de acção social e caritativa. São, igualmente, um meio de reflexão que proporcione a organização deste serviço da caridade em todas as comunidades e, são também uma oportunidade para a constituição de uma rede cáritas em toda a diocese, para que chegue a todos este sinal do amor de Deus que conforto e atenda às necessidades mais elementares daqueles a quem as várias formas de pobreza bateram à porta.

P. *E qual foi o programa do Encontro?*

R. O Encontro, que contou com a presença do Senhor D. José Alves, começou com um momento de oração seguido de uma comunicação do

senhor bispo. Prosseguiu com uma abordagem, muito lúcida, sobre a Encíclica de Bento XVI feita pelo senhor cónego Lúcio, Assistente Diocesano da Cáritas.

Após uma pequena pausa, eu próprio fiz uma comunicação sobre o Plano de Actividades da Cáritas Diocesana, numa perspectiva de animação dos grupos paroquiais, pois é nas paróquias que se desenvolve a acção concreta da Cáritas. Prestei diversas informações de carácter organizativo, tentando motivar à criação de grupos paroquiais, onde não existem, e a necessidade de interligação com as outras áreas da pastoral: a liturgia e a catequese.

A parte final do encontro constituiu um frutuoso debate de ideias sobre todos os temas apresentados e a aprovação de sugestões para o futuro destes encontros, de entre as quais destaco a realização de dois encontros anuais em vez de um só, como acontecia até esta data. O primeiro dedicado ao estudo e à reflexão e o segundo à organização e à acção.

Este foi, em síntese, o III Encontro Diocesano da Cáritas que decorreu em Abrantes, com a presença de 67 participantes oriundos de vários pontos da diocese. Foi ainda muito significativa a presença de sacerdotes e religiosas de diversas comunidades o que contribuiu para atingir os objectivos a que nos propusemos.

P. *Já existem muitos grupos sócio-caritativos organizados?*

R. A Acção sócio-caritativa é desenvolvida nas paróquias por diversos serviços, movimentos e instituições, desde os grupos cáritas, conferências vicentinas, visitantes de cadeias, pastoral da saúde, grupos sócio-caritativos, grupos de jovens orientados para a acção social, grupos informais, Centros Paroquiais sociais, Misericórdias, etc.

Não é fácil quantificá-los mas, na realidade, sabemos que existem muitas paróquias onde não há grupos organizados a trabalhar na área social. Daí a

nossa preocupação, na organização de grupos que, nas paróquias, estão junto dos pobres e dos que vivem na margem desta sociedade egoísta. É aí que terá de ser desenvolvida a verdadeira acção caritativa.

P. É essa a força do cristianismo?

R. Esta é a expressão do cristianismo: a caridade como expressão do amor de Deus.

Diz o padre Victor Feytor Pinto que *«o Cristianismo é a religião das relações humanas»* e acrescenta que *«o cristão que só tem relação e que só ama a Deus, ignorando o irmão, não é Cristão. É um religioso no pior sentido do termo»*.

A este propósito recordo um episódio que foi muito comentado há alguns anos atrás:

- D. Hélder da Câmara (bispo brasileiro, que já morreu), depois de ter sido assaltada uma Igreja e os ladrões terem espalhado pelo pântano as hóstias consagradas, revestiu-se com as vestes litúrgicas e, seguido por muitos cristãos, entraram no lodo e recolheram as hóstias consagradas, uma a uma.

Quando regressou ao templo voltou-se para a multidão e disse:

- Admiro a vossa Fé ao adorarem Jesus Cristo Sacramentado que arrancaram do lodo, mas pergunto-vos: - quantas vezes O encontraram no lodo, na pessoa do irmão e passaram ao lado?

Esta é a pergunta que aqui podíamos deixar para que, cada um de nós, pudesse responder.

P. Tem sido visível o esforço que a Caritas Diocesana tem feito, não só pela acção concreta que realiza, mas nos constantes apelos à

organização. Pergunto: - Tem sido tão difícil a implantação deste serviço nas diversas comunidades da diocese?

R. De facto, não tem sido fácil organizá-lo a nível de cada paróquia. As razões são diversas e têm a ver com diversos factores.

As pessoas não gostam de assumir compromissos a médio e longo prazo, apesar da generosidade com que se dispõem, pontualmente, a prestar ajuda a quem mais necessita.

Como sabe, tem sido o voluntariado de proximidade ou vizinhança a disponibilizar-se para ajudar, sobretudo os mais idosos e os que estão acamados. Estamos numa região do interior fortemente debilitada, do ponto de vista demográfico. Os jovens procuram outras regiões, quer do país, quer do estrangeiro para procurar o trabalho que escasseia no interior do nosso país, sobretudo nesta região transfronteiriça, motivado pela falta de investimentos, tanto públicos, como privados.

Os mais velhos ficam e têm de se bastar através da solidariedade de familiares, de amigos e de vizinhos. Por tudo isto é que, organizar este voluntariado, é um desígnio a que nos dispomos, mesmo com as dificuldades existentes.

Muitos cristãos estão envolvidos em actividades das paróquias, tanto na liturgia como na catequese. Contudo, esta área da pastoral tem ficado sempre de fora em termos organizativos. Não por falta de sensibilidade social, antes pelo contrário, mas porque essa organização pressupõe alguma disponibilidade, não só de tempo mas, sobretudo, disponibilidade interior.

Outra das razões porque se torna difícil organizar, é porque as pessoas andam desmotivadas de intervir porque olham para o país onde, com o pretexto de organização, se promove a desorganização.

É aqui que também somos diferentes.

P. *Quer concretizar?*

R. Repare no que está acontecer em muitos sectores da vida pública. Por exemplo na saúde, um sector tão sensível: Quase 600.000 pessoas em lista de espera para consultas médicas e para cirurgias. As listas para cirurgias vão para uma central que, quando chamam o doente, é encaminhado para qualquer zona do país para se submeter a essa cirurgia, sem terem em conta quem é o doente, qual o seu domicílio de residência e que o doente é pessoa e não um número. As participações nos custos dos medicamentos diminuem, as taxas moderadoras aumentam; encerram-se serviços de atendimento permanente, encerram-se especialidades nalguns hospitais, etc.

- E, em nome de quê? Da organização? Do serviço personalizado? Da qualidade dos serviços de saúde?

Quando eu falo de organização, falo do serviço às pessoas, do cuidar das pessoas, de dar vida condigna às pessoas.

É por tudo isto que se torna necessária a organização, mesmo da Caridade que não é só uma atitude individual, mas comunitária.

P. *Creio que ficou clara a sua explicação. Aproveito esta oportunidade para introduzir uma outra questão que se prende com a realização do próximo Conselho Geral da Cáritas que se realiza em Castelo de Vide.*

Quer falar-nos sobre este evento?

R. É verdade. É já nos próximos dias 16, 17 e 18 de Novembro que a Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco acolhe as Cáritas Diocesanas de todo o país para a realização do Conselho Geral da Cáritas Portuguesa que ocorrerá em Castelo de Vide.

Este é um momento em que a Cáritas Portuguesa se debruça sobre os seus problemas internos, define linhas de acção para o futuro, partilha experiências das diversas Cáritas Diocesanas, estuda, reza e reflecte.

Porque fala na realização deste encontro nacional, gostaria de referir um momento concreto que poderá interessar aos nossos ouvintes. Refiro-me a uma palestra, que vai acontecer no decurso do Conselho Geral, e que se realiza no Cine Teatro de Castelo de Vide, no sábado – dia 17 de Novembro, pelas 10 horas, subordinada ao tema: **“Globalizar a Caridade. Construir a Paz”**. Esta conferência, para além do interesse suscitado pelo tema, tem como aliciante ser proferida por Dom Carlos Azevedo – Bispo Auxiliar de Lisboa e Secretário da Conferência Episcopal Portuguesa.

Por isso, aproveito a oportunidade para fazer o convite a todos os que nos escutam, a estarem presentes e participarem no debate que se seguirá.

Os trabalhos serão conduzidos pelo Presidente da Cáritas Portuguesa – Prof. Eugénio Fonseca e presididos pelo nosso Bispo Dom José Sanches Alves que, para além de ser o Bispo Diocesano, é também o Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social.

P. *Gostaríamos de continuar, mas porque o tempo escasseia deixo-lhe, como habitualmente, o microfone para uma última mensagem relativa ao tema que hoje aqui tratámos.*

R. No início desta nossa conversa referimos que é necessário recuperar a palavra Caridade que vai muito para além da solidariedade. Muitas vezes envolvemo-nos tanto nas coisas do mundo que vamos atrás das modas e criamos rotinas, por isso, muitos de nós começámos a falar menos de caridade, de compaixão e de amor, para usarmos outra terminologia.

Ao longo de mais de 100 anos de magistério social da Igreja, desde a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII (1891) até aos nossos dias

constatamos esse facto, como refere o Papa João Paulo II na sua terceira encíclica social a *Centesimus Annus* (1991):

«O princípio, que hoje designamos de solidariedade [...] várias vezes Leão XIII o enuncia, com o nome “amizade” [...]; desde Pio XI é designado pela expressão mais significativa “caridade social”, enquanto Paulo VI, ampliando o conceito na linha das múltiplas dimensões actuais da questão social, falava de “civilização do amor”».

João Paulo II realça que o ensinamento social da Igreja está em reconhecer Deus em cada homem e cada homem em Deus, como condição de um autêntico desenvolvimento humano.

Por isso, ao terminarmos mais um programa quisemos acentuar este aspecto fundamental da postura das pessoas que trabalham na Cáritas: o amor como pedra de toque da sua actividade.

Quisemos deixar explícita esta nossa determinação: tudo fazer para organizar a acção da cáritas em toda a diocese como um serviço de proximidade das pessoas através do qual, mais do que dar (dinheiro ou outros bens), damo-nos como sinal do amor que Jesus teve para com a sua Igreja.

Ocorre-me uma frase de um autor desconhecido e com ela me despeço até ao próximo programa:

“Concedei-nos Senhor, Serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, Coragem para modificar aquelas que podemos e Sabedoria para distinguirmos umas das outras.

Muito boa noite.

P. *Terminamos mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana.*

Agradeço ao Elicídio Bilé a mensagem que nos trouxe e despeço-me dos nossos ouvintes até ao próximo programa.

Muito boa noite.

Portalegre, 7 de Novembro de 2007

Elicídio Bilé